

Quantas Sociologias?

Notas para uma reflexão sobre as tendências do pensamento sociológico na atualidade

Sebastião Vila Nova*

Resumo:

Analisa o significado da classificação dicotômica das correntes teórico-metodológicas na Sociologia dominante há cerca de três décadas. Apresenta duas tipologias das principais tendências na Sociologia contemporânea, respectivamente formuladas por Randall Collins e Donald N. Levine. Propõe uma nova classificação das correntes sociológicas na atualidade, com base nos fundamentos ontológicos e epistemológicos de cada tendência teórico-metodológica, identificando quatro matrizes filosóficas subjacentes a tais tendências: a matriz positivista; a materialista-dialética; a neokantiana; e a pragmática.

Palavras-chave: Sociologia - tipologia - matrizes positivista, materialística e dialética

Abstract:

This paper analyses the meaning of the dichotomous classification of theoretical and methodological currents in the dominant Sociology in the last three decades. It presents two typologies of the main trends in contemporary Sociology, formulated respectively by Randall Collins, and Donald N. Levine. It proposes a new classification of the sociological currents today referring to the ontological and epistemological bases of each theoretical and methodological trend, and identifies four philosophical matrixes underlying such trends: the positivist matrix, the materialistic-dialectical matrix, the neo-Kantian matrix and the pragmatic matrix.

Key words: Sociology - typology - positivist - materialistic - dialectical - matrix

“Todo aluno de doutorado, hoje em dia, afirma ter encontrado um novo paradigma [...]”
Ralf Dahrendorf

Há cerca de três décadas, era moeda corrente entre sociólogos a admissão de que a sua disciplina seria dividida em duas grandes correntes: a corrente do equilíbrio, representada pelo funcionalismo e derivada do pensamento de Émile Durkheim, e a corrente do conflito, expressa pelo paradigma marxista e seus possíveis desdobramentos, como, por exemplo, a teoria da dependência.¹ A exclusão de uma corrente ligada às idéias de Max Weber explica-se, provavelmente, pelo fato de que, a rigor, não parece clara a existência do que se possa denominar um paradigma weberiano, pelo fato de que, ao contrário do que ocorre com Marx e Durkheim, não há, na vasta produção de Weber, ao menos explicitamente, uma teoria geral da sociedade, condição “sine qua non” à caracterização de um paradigma na Sociologia.

Tal classificação dualista, senão maniqueísta, além de simplista, senão simplória, constitui um confortável artifício para ocultar a real complexidade do esforço, no sentido de concretizar uma ciência o mais abrangente possível da sociedade, esforço este afetado pelo grande número de tendências dentro do que quer que se tenha denominado Sociologia desde os fins do Século XIX. De acordo com Philip Abrams,² os “three volumes of papers issued by the Sociological Society of London from 1905 on contain sixty-one definitions of the nature and aims of sociology.” A constatação de Abrams constitui evidência inquestionável do persistente problema que representa saber o que os sociólogos querem dizer quando usam o termo “Sociologia”.

Como um resultado da emergência da tão propalada “crise de paradigmas” não apenas na Sociologia, embora acentuadamente nesta, mas, igualmente, nas ciências sociais em geral, os sociólogos, ou pelo menos grande parte deles, já não parecem tão ingênuos quanto os seus colegas

* *Fundação Joaquim Nabuco*

maniqueístas de cerca de três décadas atrás. Na realidade, existem, felizmente, na atualidade, algumas tentativas dignas de nota no sentido de captar a incontornável complexidade do persistente problema que consiste em saber, dentro da confusa proliferação de tendências da Sociologia na atualidade, o que deve constituir o seu objeto formal (para retomarmos esta antiga mas sempre pertinente categoria aristotélica), e, em consequência, os seus fundamentos teórico-metodológicos.

Desde a publicação, em 1962, do tão controverso *The Structure of Scientific Revolutions*, de Thomas Kuhn,³ muitos sociólogos, ao que parece, movidos pelo sentimento de inferioridade em relação aos cientistas do mundo físico, vêm sendo atormentados pela preocupação com as possíveis consequências para a Sociologia da noção de “ciência normal”, formulada por Kuhn, segundo a qual a Sociologia não poderia caber dentro dessa concepção por não possuir um paradigma.⁴ De lá para cá, o abuso da expressão “paradigma”, notadamente através da expressão “crise de paradigma”, fez com que o termo atingisse um tal grau de polissemia, que passou a significar tudo e nada. Mesmo assim, parece freqüente a idéia de que a Sociologia, de modo particular, seria vítima dessa crise de paradigma representada pelos fatos de que as idéias dos grandes clássicos da Sociologia europeia, notadamente Marx, Durkheim e Weber, já não seriam suficientes ao entendimento das sociedades contemporâneas, enquanto, por outro lado, as novas teorias não teriam preenchido as lacunas explicativas daqueles clássicos resultantes da presumível obsolescência das suas idéias.

Apesar do ponto de vista de Merton de que “pode-se argumentar, sem paradoxos e com muita convicção, que a Sociologia sempre esteve numa condição de crise durante toda a sua história”,⁵ ao que parece, os sociólogos ou pelo menos a maioria deles acredita que a atual crise seria singularmente grave. E se a gravidade da atual situação do pensamento sociológico disser respeito aos problemas provocados pela extraordinária multiplicação de correntes e tendências teóricas nessa

disciplina, tais sociólogos estão com razão. Se, por um lado, o dualismo da classificação das correntes sociológicas presente em autores do porte de Lenski e Dahrendorf, pelo seu simplismo já justifica a desconfiança em relação à sua validade, por outro lado, extraordinária multiplicação de alternativas teóricas, nos últimos anos, constitui motivo de compreensível perplexidade por parte dos que praticam a Sociologia.

Em recente classificação, Randall Collins⁶ propõe uma tipologia quaternária fundamentada nos problemas centrais enfrentados pelos principais teóricos da Sociologia no presente e no passado. De acordo com esse critério, autores tão diferentes em suas conclusões teóricas, como Marx, Engels, Weber, Dahrendorf, Lenski e o próprio Collins, pertencem, pela temática dominante no seu trabalho, a uma mesma tradição, a do conflito. Ainda segundo o mesmo critério, à chamada tradição racional/utilitária pertencem George Homans, James G. March, Herbert A. Simon, Thomas C. Schelling, Mancur Olson e James S. Coleman. Na terceira tradição da classificação de Collins, a durkheimiana, situam-se, além do próprio Durkheim, alguns dos seus discípulos, tais como Henri Hubert e Marcel Mauss, mas, também, teóricos tão diferentes em suas diretrizes teórico-metodológicas, como Claude Lévi-Strauss, Erving Goffman, Warren O. Hagstrom e Mary Douglas⁷. Finalmente, à quarta tradição, a microinteracionista, pertencem alguns dos mais notáveis teóricos pertencentes, produzidos, ou filiados à Escola de Chicago: Charles Horton Cooley, George Herbert Mead, Herbert Blummer, Hugh Mehan, Houston Wood e, mais uma vez, Erving Goffman.

Recentemente, no seu *Visions of the Sociological Tradition*,⁸ um verdadeiro “tour de force” como avaliação do legado dos grandes clássicos e das tendências da Sociologia na atualidade, Donald N. Levine identifica nada mais, nada menos do que 18 correntes que ele denomina como “the main positions that had emerged by the early 1970s”, relacionando-as com “one prominent representative of each”⁹:



Historicismo comparativo	Reinhard Bendix
Teoria classe-estado	Erik Olin Wright
Teoria crítica	Jürgen Habermas
Estruturalismo cultural	Claude Lévi-Strauss
Eco-evolucionismo	Gerhard Lenski
Teoria da elite	Suzanne Keller
Etnometodologia	Harold Garfinkel
Funcionalismo	Talcott Parsons
Formalismo geométrico	Ronald Breiger
Sociologia integral	Pitirim Sorokin
Formalismo interacional	Peter Blau
Formalismo fenomenológico	Ervin Goffman
Sociologia pragmática	Morris Janowitz
Teoria de escolha racional	James Coleman
Sociobiologia	Pierre Van der Berghe
Estruturalismo social	Robert Merton
Interacionismo simbólico	Herbert Blumer
Sistema-mundo/ Teoria da dependência	Immanuel Wallerstein ¹⁰

Mesmo sem a análise do conteúdo de cada uma das correntes das classificações de Collins e Levine, o que não cabe ao escopo deste artigo, tais tipologias nos mostram, de modo eloquente, a quanto chegou a complexidade do problema.¹¹

Nenhuma dessas classificações, contudo, toca no problema fundamental da chamada crise de paradigmas na Sociologia, a saber, a questão dos pressupostos filosóficos, especificamente ontológicos e epistemológicos, subjacentes a cada uma das alternativas teórico-conceituais. Parece pouco produtiva qualquer discussão em torno do problema que não toque em tais pressupostos, na medida em que tal crise de paradigmas não diz respeito estritamente à possibilidade de demonstração empírica nem, muito menos, lógico-dedutiva dos conceitos e teorias representativos de qualquer paradigma, porém diz respeito predominantemente aos seus fundamentos ontológicos e, sobretudo, epistemológicos. Qualquer discussão que deixe de lado esse aspecto do problema nos parece contribuir apenas para o aumento da enorme confusão teórico-conceitual e metodológica que a multiplicação de tendências tem acarretado na Sociologia.

Assumida tal posição, propomos uma tipologia quaternária, que nos parece constituir a opção heurísticamente mais proveitosa à discussão do problema, baseada nas matrizes ontológicas e, principalmente, epistemológicas fundamentais na tradição do pensamento sociológico. A primeira das correntes (em ordem cronológica, e não de importância) é a positivista, derivada de Auguste Comte e posteriormente defendida por Durkheim (ou pelo menos o Durkheim de **As regras do método sociológico**)¹² e alguns dos seus discípulos. A segunda tendência é a materialista-dialética, fundamentada filosoficamente na reinterpretção, levada a cabo por Marx e Engels, da noção axiomática de dialética elaborada por Hegel. A terceira corrente é representada pela tradição neo-kantiana, de importância fundamental na concepção de sociedade e de Sociologia na obra de Weber e Simmel. Finalmente, a quarta corrente da Sociologia é a que tem como fundamento ontológico-epistemológico o pragmatismo, notadamente segundo as concepções de William James, John Dewey e George Herbert Mead, corrente esta representada pela Escola de Chicago e seus teóricos mais notáveis: William I. Thomas, Florian Znaniecki, Robert E. Park e Ernest W. Burgess, assim como os responsáveis pelos seus ulteriores desdobramentos, como, por exemplo, Herbert Blumer, o codificador do interacionismo simbólico,¹³ e Harold Garfinkel, criador da etnometodologia.¹⁴

Apenas a título de exemplo das possibilidades abertas por essa tipologia, podemos constatar que, ontologicamente diversos no que diz respeito à antinomia materialismo versus idealismo, os paradigmas de Marx e Durkheim, do ponto de vista epistemológico, no entanto, são igualmente realistas, e não nominalistas. Ainda do ponto de vista ontológico, são ambos holísticos, e não atomísticos. Epistemologicamente, filiam-se a uma perspectiva naturalista, no sentido de partilharem uma concepção nomotética de Ciência Social. Desse modo, a análise comparativa dos fundamentos ontológicos e epistemológicos dos paradigmas marxista e durkheimiano revela que ambos são mais aparentados entre si do que a visão superficial dessas duas matrizes da Sociologia pode revelar.

Como tratar do problema da consistência científica de conceitos como o de classe e instituição social, respetivamente, sem recorrer à incontornável antinomia epistemológica realismo versus nominalismo? As classes somente poderão ser admitidas como comunidades conscientes da sua situação objetiva na sociedade se concebidas em uma perspectiva realista, que era a de Marx. Através da ótica nominalista, contudo, não serão mais do que coletividades nominais, puras ficções conceituais, como defendeu Weber no seu “Classe, estamento, partido”.¹⁵ Assim, para Weber, não pode haver o que Marx denomina classe-para-si, mas, apenas, classe-em-si, mera categoria social.

O mesmo é possível aplicar à idéia de família como instituição social: existirá como realidade observável? Através de um prisma realista, sim; em perspectiva nominalista, não. Para os sociólogos nominalistas – como é bem o caso dos interacionistas simbólicos –, o que existe são as pessoas concretas associadas através de laços simbólicos de parentesco ou quaisquer outros, formando grupos passíveis de serem observados.¹⁶

São exemplos que bem revelam a importância do escrutínio ontológico e epistemológico dos conceitos, teorias e métodos da Sociologia para a prospecção em profundidade dos problemas que a chamada “crise de paradigmas” compreende.

Embora a discussão detida desta proposta, que, pela sua complexidade, demanda trabalho em extensão de livro, não caiba, infelizmente, na reduzida extensão a que somos obrigados pela editoria deste periódico,¹⁷ acreditamos caber repetir que somente a prospecção em profundidade dos pressupostos ontológicos e, principalmente, epistemológicos das várias tendências em competição na Sociologia contemporânea pode nos levar à discussão heurísticamente mais produtiva do problema aqui levantado. Parece-nos, por exemplo, flagrante o fato de que muito do debate sobre questões metodológicas tem mais a ver com problemas de epistemologia subjacentes às questões de método, assim como muito da discussão em

torno de questões teóricas na Sociologia constituem antes problemas de ontologia social. Desse modo, reivindicamos a intensificação do diálogo entre Sociologia e Filosofia, já defendido por Peter. L. Berger e Thomas Luckmann¹⁸, como uma urgente necessidade, se os sociólogos pretendem, sinceramente, enfrentar de modo conseqüente a chamada crise de paradigmas que tanto tem afligido a sua disciplina, a ponto de termos o direito de perguntar: afinal, quantas Sociologias ? De outro modo, seremos obrigados a admitir como válida a observação maliciosa atribuída a Tobias Barreto de que a cada cabeça de um sociólogo corresponde uma Sociologia.¹⁹

Como quer que seja, o que pretendemos ressaltar com esta tipologia é a idéia de que os grandes problemas da atual crise da Sociologia não se reduzem a questões inerentes às teorias e métodos de cada corrente, porém dizem respeito, antes, aos seus fundamentos filosóficos.

NOTAS

¹ Exemplos ilustres de identificação de duas correntes na Sociologia são: DAHRENDORF, Ralf. **Essays in the Theory of Society**. Stanford: Stanford: University Press, 1968; LENSKI, Gerhard E. **Power and Privilege: a Theory of Social Stratification**. New York: McGraw-Hill, 1966.

² Apud LEVINE, Donald N. **Visions of Sociological Tradition**. Chicago : The University of Chicago Press, 1995, p. 279.

³ KUHN, Thomas S. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago : the University of Chicago Press, 1962.

⁴ Um comentário útil à compreensão ao impacto das idéias de Kuhn, por meio do seu **The Structure of Scientific Revolutions**, sobre a Sociologia norte-americana está em: FRIEDRICH, Robert W. **A Sociology of Sociology**. New York : The Free Press Collier-Macmillan, 1970, p. 1-56. De leitura obrigatória como balanço exaustivo do impacto do conceito de paradigma sobre a Sociologia de modo geral é: MARTINS, Hermínio. **Hegel, Texas - e outros ensaios de teoria social**. Lisboa: Século



XXI, 1996, capítulo I: “A ‘resolução’ kuhniiana e suas implicações para a Sociologia”, p. 21-84.

⁵ MERTON, Robert K. **A ambivalência sociológica e outros ensaios**. Trad. Maria José Silveira. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 148.

⁶ COLLINS, Randall (Ed.). **Four Sociological Traditions – Selected Readings**. New York : Oxford University Press, 1994.

⁷ A localização de teóricos tão diversos como, por exemplo, Claude-Lévi-Strauss e Erving Goffman na tradição durkheimiana, na classificação de Collins é justificada por este através do argumento de que “Durkheim [...] provides the classic breakthrough insights of sociology, the great ‘aha!’ experiences: of realization that social order and rational thought itself rest on a nonrational foundation; that this substructure is a flow of emotions determined by the density of social interactions and specially by the tightly focused mutual actions of rituals; that symbols like gods are charged with moral energies by the group whose membership they reflect.” (COLLINS, Randall. Op. cit., p. 193).

⁸ LEVINE, Donald N. Op. cit. — ver nota 2.

⁹ Ibid., p. 271.

¹⁰ É interessante notar que realizações teóricas tidas usualmente como inovadores, tais como as de Anthony Giddens, Niklas Luhman, Norbert Elias e Pierre Bourdieu, por exemplo, são rotuladas por Levine como simples variantes das correntes por ele identificadas (LEVINE, Donald N. Op. cit., p. 283; ver nota 2).

¹¹ Para análises de outros aspectos da atual crise de Sociologia, ver: HOROWITZ, Irving Louis. **The Decomposition of Sociology**. New York : Oxford University Press, 1994; TURNER, Stephen Park e Jonathan H. Turner. **The Impossible Science – An Institutional Analysis of American Sociology**. Newbury Park : Sage, 1990.

¹² Como é sabido, **O suicídio**, publicado em 1987, marca uma significativa ruptura de Durkheim em relação ao seu programa inquestionavelmente positivista exposto em **As regras**. Ademais, não se

pode afirmar que todos os seus seguidores tenham sido positivistas, como é bem o caso de Marcel Mauss.

¹³ BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism – Perspective and Method**. Berkeley : University of California Press, 1969, p. 1-60.

¹⁴ GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Englewood Cliff, (New Jersey) : Prentice Hall, 1967.

¹⁵ WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Organização e Introdução de H. H. Gerth e C. Wrights Mills. 2. ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1971: Capítulo VII: “Classe, estamento, partido”, p. 211-228.

¹⁶ BLUMER, Herbert. Op. cit., p. 1-60.

¹⁷ É projeto deste autor aprofundar as idéias apresentadas neste artigo em trabalho mais extenso.

¹⁸ BERGER, Peter L. e Thomas Luckmann. **A construção social da realidade – tratado de Sociologia do conhecimento**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 87..

¹⁹ É oportuno lembrar que para Feyerabend: “a proliferação de teorias é benéfica para a ciência, ao passo que a uniformidade enfraquece o seu poder crítico.” (FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Ed. revista. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água, 1993, p. 17; ver todo o capítulo 3: p. 40-50). A propósito da ausência do que se possa denominar, na atualidade, de “sociologia sistemática”, é interessante lembrar o ponto de vista de Edward Shils, em avaliação realizada em meados dos anos oitenta: “Sociology is at present an unsystematic body of knowledge gained through the study of the whole and the parts of society.” (SHILS, Edward. **Sociology**. In: KUPER, Adam and Jessica Kuper (Eds.). **The Social Science Encyclopedia**. London : Routledge, 1989, p. 799). Já Dahrendorf constata que “falharam todas as tentativas recentes de integrar todas as Ciências Sociais em uma única abordagem ampla e sistemática.” (DAHRENDORF, Ralf. **Após 1989 - moral, revolução e sociedade civil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 172.